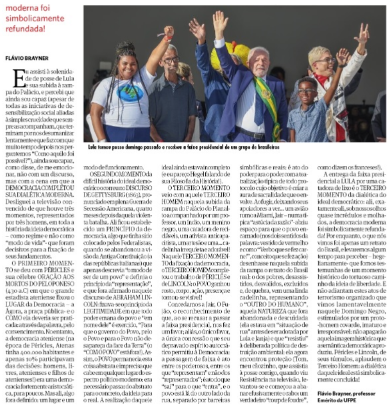
17/01/23

Pág. 21

Flávio Brayner

*Flávio Brayner, professor Emérito da **UFPE***



moderna foi simbolicamente refundada!

FLÁVIO BRAYNER

Eu assisti à solenidade de posse de Lula e sua subida à rampa do Palácio, e percebi que ainda sou capaz (apesar de todas as iniciativas de desensibilização social aliadas à simples crueldade que sempre as acompanham, que terminam por nos desumanizar lentamente e que faz com que muito tempo depois nos perguntemos "Como aquilo foi possível?"), ainda sou capaz, como disse, de me emocionar, não com um discurso, mas com a cena em que a DEMOCRACIA COMPLETOU SUA DIALÉTICA MODERNA. Desliguei a televisão convencido de que houve três momentos, representados por três homens, em toda a história da ideia democrática – como regime e não como "modo de vida"- que foram decisivos para a fixação de seus fundamentos.

O PRIMEIRO MOMENTO se deu com PÉRICLES e sua célebre ORAÇÃO AOS MORTOS DO PELOPONESO (430 a.C) em que o grande estadista ateniense fixou o LUGAR da Democracia – a Ágora, a praça pública- e o COMO ela deveria ser praticada: através da palavra, pelo convencimento. No entanto, a democracia ateniense (na época de Péricles, Atenas tinha 400.000 habitantes e apenas 10% participavam das decisões: homens, livres, atenienses e filhos de atenienses!) era uma democracia fortemente aristocrática, para poucos. Mas ali, algo fora definido: um lugar e um modo de funcionamento.

O SEGUNDO MOMENTO da difícil história do ideal democrático ocorreu no DISCURSO DE GETTYSBURG (1863), pronunciado em plena Guerra de Secessão Americana, quatro meses depois daquela violenta batalha. Ali ficou estabelecido um PRINCÍPIO da democracia, algo que tinha sido colocado pelos Federalistas, quando se abandonou a visão da Antiga Constituição (a das repúblicas italianas) que apenas descrevia "o modo de ser de um povo" e definia o princípio da "representação", e que fora afirmado naquele discurso de ABRAHAM LINCOLN: fixava-se o princípio da LEGITIMIDADE em que todo poder emana do povo e "em nome dele" é exercido. "Para que o governo do Povo, pelo o Povo e para o Povo não desapareça da face da Terra" (o "COM O POVO" está fora!). Assim, o POVO permanecia esta coisa abstrata e imprecisa que cabe em qualquer lugar do espectro político moderno: era necessário passar do abstrato para o concreto, da ideia para o real. A realização daquele ideal ainda estava incompleto (e eu pareço Hegel falando de sua Filosofia da História!).

O TERCEIRO MOMENTO veio com aquele TERCEIRO HOMEM naquela subida da rampa do Palácio do Planalto acompanhado por um professor, um índio, um menino negro, uma catadora de recicláveis, um ativista anticapacitista, um artesão e uma... cadelinha irrequieta e adorável! Naquele TERCEIRO MOMENTO da fixação da democracia, o TERCEIRO HOMEM completou o trabalho de PÉRICLES e de LINCOLN: o POVO ganhou rosto, corpo, ação, presença e tornou-se visível!

Concedamos a Jair, O Fujão, o reconhecimento de que, ao se recusar a passar a faixa presidencial, nos fez um favor; aliás, o único favor, a única concessão que seu depravado espírito autocrático permitiu à Democracia: a passagem de faixa é ato entre os poderosos, entre os que "representam" e não dos "representados"; é ato do que "sai" para o que "entra", e o povo está lá do outro lado da rua, separado por barreiras simbólicas e reais: é ato do poder para o poder com a teatralização típica de todo protocolo cujo objetivo é criar a aura de sacralidade que o envolve. Ao fugir, deixando seus apoiadores a ver... um avião rumo a Miami, Jair – numa típica "astúcia da razão"- abriu espaço para que o povo encarnado (nos dois sentidos da palavra: vestido de vermelho e como "Verbo que se fez carne!", conceito que se fez ação) desenhasse naquela subida da rampa o retrato do Brasil real: o dos pobres, desassistidos, desvalidos, excluídos e, de quebra, vem uma linda cadelinha, representando o "OUTRO DO HUMANO", aquela NATUREZA que fora abandonada e descuidada (ela estava em "situação de rua" antes de ser adotada por Lula e Janja) e que "resistiu" à deliberada política de destruição ambiental: ela agora encontrou proteção (Tom, meu cãozinho, que assistia à posse comigo, quando viu Resistência na televisão, levantou-se e começou a abanar efusivamente o rabo: um verdadeiro "coup de foudre", como dizem os franceses!).

A entrega da faixa presidencial a LULA por uma catadora de lixo é o TERCEIRO MOMENTO da dialética do ideal democrático: ali, exatamente ali, sob nossos olhos quase incrédulos e molhados, a democracia moderna foi simbolicamente refundada! Por enquanto, o que nós vimos foi apenas um retrato do Brasil, e levaremos algum tempo para perceber – hegelianamente- que fomos testemunhas de um momento histórico do tortuoso caminho da ideia de liberdade. E não adiantam estes atos de terrorismo organizado que vimos lamentavelmente naquele Domingo Negro, estimulados por um proto-homem covarde, imaturo e irresponsável: não apagarão aquela imagem histórica que a semântica democrática produziu. Péricles e Lincoln, de seus túmulos, aplaudem o Terceiro Homem: a dialética daquele ideal está simbolicamente concluída!

Flávio Brayner, professor Emérito da UFPE

Lula tomou posse domingo passado e recebeu a faixa presidencial de um grupo de brasileiros